

HANS JONAS: ÉTICA, NATUREZA, TÉCNICA E RESPONSABILIDADE

Paulo Lázaro de Freitas¹

114

RESUMO: O objetivo desse artigo é apresentar de modo introdutório e em linhas gerais a nova ética da responsabilidade de Hans Jonas e sua relação com a Natureza e a técnica atual. Para alcançar nosso escopo faremos uma breve exposição biográfica de nosso autor, depois veremos de forma incipiente relações que existem em sua obra entre ser e dever-ser, liberdade e necessidade, onde exploraremos rapidamente a idéia de metabolismo e transanimalidade. Isso nos levará ao tema da dignidade animal, para enfim tratarmos dos perigos de um mau uso das técnicas atuais que traz como exigência uma nova ética prospectiva firmada no princípio ontológico da responsabilidade. Finalmente, trataremos sobre a Heurística do Temor, como método proposto por Jonas para salvaguardar o homem da ameaça que impõe sobre si mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Hans Jonas; Ética; Técnica; Responsabilidade; Heurística do temor.

ABSTRACT: The aim of this paper is to make a general introduction of the new Hans Jonas' ethics responsibility and its relation with Nature and technique nowadays. To reach our object we start by a short biography of our writer, and after that we focus on the relations found in his work between being and should-be, freedom and necessity, quickly analysing the idea of metabolism and transanimality. This will take us to the subject of animal dignity, and therefore we'll talk about the dangers of contemporary misuse of technique which brings forth the claim for a new ethics in the future based on the ontologic principle of responsibility. Finally, we'll talk about the heuristic of fear, as a method suggested by Jonas to protect man of the danger he has become to himself.

KEYWORDS: Hans Jonas; Ethics; Technique; Responsibility; Heuristic of fear.

INTRODUÇÃO

Hans Jonas (1903-1993), pensador alemão nascido em Monchengladback, legou ao século XXI reflexões profundas sobre temas da máxima importância

1 Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES; e pós-graduando lato-sensu no curso “Ético em Perspectiva” – PUCPR.

como *Ética, Técnica, Natureza e Responsabilidade*. Influenciado pelo filósofo Martin Heidegger (1889-1976), assim como, pelo teólogo protestante Rudolf K. Bultmann (1884-1976), propôs em suas abordagens inovadoras uma passagem do otimismo técnico-científico de caráter imprudente para a *Responsabilidade* como princípio de valor inexorável caso queiramos a preservação da vida em sua totalidade, para além de limitações espaço-temporais.

Jonas encontrou na investigação ontológica, tema ligado ao pensamento heideggeriano, um caminho para a crítica ao dualismo de feições gnósticas presente em binômios modernos como, Matéria/Espírito, Necessidade/Liberdade, Natureza/Cidade, e Ciência/Ética. Sob a orientação de Rudolf Bultmann em Marburg nosso autor elabora uma tese sobre a gnose no cristianismo primitivo apresentada em 1931, o que lhe favorecerá a publicação anos depois de “Gnosis und spatantiker Geist” considerado por ele mesmo como um dos trabalhos mais importantes dos primórdios de seus esforços filosóficos. Outro aspecto do universo heideggeriano ecoante em suas investigações é certo pessimismo, que predis põe sua *heurística do temor* - da qual falaremos mais adiante - às mais variadas críticas daqueles que o acusam de propor uma pedagogia inadequada, baseada no medo.

Nos Estados Unidos da América (1934) para onde fugira devido a problemas com o Nazismo (afinal, era judeu e sionista), aplicou-se ao estudo da Biologia conciliando-a, no *cadinho* de suas investigações filosóficas, às influências anteriormente apresentadas, às quais supera em muitos aspectos. Em 1945, temos notícias de seu interesse crescente pelas Ciências Naturais, especialmente pela figura do naturalista inglês Charles Darwin (1809-1882); isso, enquanto lutava na II Guerra Mundial². Com efeito, havia se alistado no exército britânico para combater as barbaridades de Hitler. Mergulhado nas trevas de seu tempo, integrado em Israel a uma brigada judaica de autodefesa onde permaneceu como oficial de artilharia até 1949, Jonas irá reconhecer que todas essas experiências de vida influenciaram sobremaneira sua trajetória intelectual.³

2 Outro autor pelo qual Jonas havia se interessado fora Aldous Huxley (1894-1963) escritor que provocara polêmica em 1932 com seu livro *Admirável Mundo Novo* onde falava do avanço tecnológico na medida em que afetava os seres humanos. Sua “futurologia” lembra o método jonasiano.

3 “[...] o estado apocalíptico das coisas [...] a proximidade da morte [...] foi terreno suficiente para se dar uma nova reflexão sobre as fundações do nosso ser e para rerever os princípios pelos quais guiamos nosso pensamento [...]” (Hans Jonas apud: SIQUEIRA, José E. Hans Jonas e a Ética da Responsabilidade. Disponível em: http://www.unopar.br/portugues/revfonte/v3/art7/body_art7.html. Acesso em 15 de Maio de 2013.

Em 1966, escreve seu livro “O princípio vida: fundamentos para uma Biologia Filosófica”, onde reconduz a *vida* a uma posição privilegiada e distante do monismo extremo que se revela tanto no Idealismo quanto no Materialismo sob o qual está amparado o erro de compreensão com referência à técnica atual. Treze anos depois produzirá sua obra de maior reconhecimento internacional: “O princípio responsabilidade, ensaio de uma ética para a civilização tecnológica”. Se Heidegger discursara sobre o *mundo da vida* em sua fenomenologia, Jonas fixava agora um olhar filosófico de amplidão macroética sobre a *vida do mundo* em perspectiva de claro teor panvitalista.

Suas antigas pesquisas histórico-filosóficas referentes às correntes de pessimismo cósmico, sinalizadas acima, viabilizaram-lhe atmosfera ideal para as críticas à paradigmática somatização do *maniqueísmo* moderno – Empirismo/Idealismo. Este dualismo resistira de modo cársico no medievo, entretanto tornara-se palpável nos conceitos de *res cogitans* e *res extensa* de René Descartes (1596-1650), assim como, no materialismo anti-aristotélico de Francis Bacon (1561-1626).

1. ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE SER E DEVER-SER, LIBERDADE E NECESSIDADE.

A *Ética da Responsabilidade*, como veremos, encontra-se fundamentada na própria ontologia. Afirmção esta - em torno da temática *ser-dever-ser* - que nos remete à ideia de *falácia naturalista* sugerida em Hume (1711-1776) no início do século XX; e que, ademais, revela, num só golpe, o quanto dista a reflexão de nosso autor das propostas do mestre de Königsberg, Immanuel Kant (1724-1804), entusiasta do século das luzes europeu (Aufklärung), que limitara a ideia de liberdade ao campo da racionalidade e transformara o dualismo numa ética (JAPIASSU, 2011, p.101). O esquema jonasiano, em contrapartida, proclama, desde o momento primevo do orgânico, a existência de uma *liberdade básica* (OLIVEIRA, 2010, p. 3 et seq.) enquanto marca indelével do metabolismo⁴ onde, nos mais obscuros movimentos da relação *necessidade-liberdade* aquela é gradativamente apropriada por essa última.

4 Metabolismo, *Stoffwechsel* (*Stoff* – matéria. *Wechsel* – troca), é a dinâmica de processamento e transformação das substâncias químicas ocorrida nos organismos quando interagem com o meio em que vivem e onde ocorrem freqüentes trocas de energias. (Cf.: JONAS, 2004, p.13)

Hans Jonas coloca-se para além do dualismo moderno já minado pelo evolucionismo de Charles Darwin (JONAS, 2004, p.67) ao pretender a ontologia como bio-logia filosófica: idéia essa aprofundada na década de sessenta em seu livro “O Princípio Vida”. Agora o estudo do ser compreende a realidade em sua totalidade objetiva-subjetiva, corporal-espíritual o que denota claro teor anti-cartesiano. Desse modo, em sua especulação metafísica, mais que ética, a responsabilidade (Verantwortung – “responder por”) torna-se princípio ontológico; um imperativo categórico para o ser humano, o qual, marcado pela *transanimalidade* - sua forma de existência própria - é complemento lógico à genealogia científica da vida ao lado de todos os outros seres vivos.

O conceito de transanimalidade, assim, autoriza, uma perspectiva de análise sob a qual o homem se vê como animal entre os animais e ao mesmo tempo distinto deles. Seu trans é seu trânsito, a um tempo seu movimento, seu atravessamento, seu pertencimento e sua ruptura. (OLIVEIRA, 2010, p.12).

Com efeito, de acordo com Hans Jonas, o homem é resultado de um processo evolutivo sem planos e cósmico onde, intrínseco ao *devenir* está o fundamento do *dever-ser*. Portanto, é no próprio caráter teleológico - o que não significa predeterminado - do *vir-a-ser* que se inscreve a nova ética jonasiana. É neste aspecto que ela pode ser entendida como um neo-finalismo, uma vez que rompeu de um *sem razão* (como pura dinâmica a partir de um “arremesso original”), em direção – aleatória claro - à complexidades monstruosas cada vez maiores advindas do *efeito cumulativo*, “hereditário”, das relações *organismo-ambiente* que sempre provocam alterações drásticas, e, por isso, a evolução. Nesse esquema vemos, de fato, a vitória do nominalismo sobre o seu oposto (JONAS, 2004, p.58).

[...] acumulações de deformidades marcariam a “história” evolutiva dos organismos. Todo “enriquecimento” do sistema, assim considerado, não passaria de um acúmulo de fracassos [...] Todo sistema considerado “superior” seria, enquanto resultado de um processo patológico, na verdade algo “anormal”, como uma degeneração da forma original. (OLIVEIRA, 2009, p. 10)

O homem se distingue das outras formas de vida pela lucidez de sua liberdade enquanto *homo sapiens* para além do reino das necessidades. Entretanto,

sua existência trans e supranatural não deve fazer-nos recuar a nenhum dos monísmos modernos que tanta limitação impuseram à ciência. Lembremos, no entanto, que mesmo o reino das necessidades orgânicas acusa o brilho de certa *interioridade* ontológica insinuando-se no dinamismo de seus mecanismos internos que se revela desde o período metabólico, sucedido depois pelos períodos de movimento e apetite, sensação e percepção, imaginação, arte e conceito, “[...] uma escala ascendente de liberdade e risco que culmina no ser humano [...]” (JONAS, 2004, p. 8).

Com efeito, de acordo com o pensador de Monchengladback, toda atividade do conjunto de processos bioquímicos dos organismos manifesta determinada liberdade por significar uma oposição à força que tudo arrasta para o não-viver. Enquanto processo de formação, desenvolvimento e renovação do organismo, o metabolismo surge qual bardo da liberdade enfim auscultado por Jonas numa certa variação nem por Heidegger percebida⁵. Não nos parece temerário aqui insinuar que o discípulo tenha superado o mestre em perspicácia.

Desde o *ser* primevo na temporalidade ao ser humano, a liberdade – em níveis peculiares, óbvio, pois se diz de formas distintas, como, por exemplo, *natural*, *dialética* ou *moral* no homem – é tida como inerente ao que existe em movimento constante e *à deriva* no mundo. Estamos perante o relevante aspecto anti-kantiano/racionalista de nosso autor por nós anunciado momentos atrás. A liberdade já é, segundo Hans Jonas, exercida de modo espontâneo no vegetal, instintivo no animal e voluntário no ser humano (OLIVEIRA, 2012, p.21). O *ser*, em todas as suas formas, decide-se por *si mesmo* e contra o *nada*; prova dessa assertiva é seu relutante movimento de *vir-a-ser* - evolução - em persistente oposição à morte que um dia, inevitavelmente, irá devorá-lo.

Nessa lógica, exatamente por tender a manter-se, ainda que de forma condicional e revogável, o *ser* apresenta-se num viés teleológico voltado para a auto-preservação da vida, pois *existir* é melhor que *não existir*; ainda que unido de modo compulsório à sua negação numa “dependência precária” que se mostra qual arauto de sua finitude. No entanto, mesmo seguindo nessa paradoxal polaridade *ser/não-ser*, os lampejos de liberdade tornam perceptíveis

5 Em Heidegger, com efeito, a tecnologia seria intrinsecamente nociva, idéia da qual Jonas não compartilhará. Sobre esse aspecto ele afirma em seu texto “A questão da técnica” que a mesma “[...] não se desenvolve no sentido de uma *Poiesis*. O descobrimento que rege a Técnica moderna é uma exploração [...]”. Cf. Heidegger, Martin. *Ensaio e conferências*. Tradução de Emmanuel C. Leão, Gilvan Fogel, Maria S. C. Schuback – Petrópolis, RJ: Vozes, 2001; p.18-19.

- todas as vezes que “o ser declara-se a favor de si, contra o nada” (JONAS, 2006, p.151) - que a vida é um bem e deve ser preservada. “[...] a exclusão da teleologia não é um resultado indutivo, mas sim um decreto apriorístico da ciência moderna.” (JONAS, 2004, p.45).

À espécie humana, como fim do processo evolutivo do *ser* e partícipe do *bolos*, por existir de modo transanimal (que não nega sua animalidade ressaltada pelo darwinismo) cabe, dado seu papel de destaque na natureza, um cuidado especial sobre todo o complexo vital, sem desconsiderar nenhum de seus âmbitos, como verdadeira agente da responsabilidade. Vencer as limitações espaço-temporais características da ética tradicional, e, deste modo, abarcar em seu campo de *inter-esse* o futuro e qualquer manifestação vivente, para além do quesito reciprocidade, mostra a consciência do homem quanto a esta dignidade geral da vida aqui descrita.

Hans Jonas em sua metafísica, de fato, como temos percebido, defende que todo o orgânico, mesmo em suas formas mais primitivas, já prefigura o espiritual, o qual, aliás, nunca é visto como ocorre na gnose, independente daquele. Onde houver uma modesta centelha vital há também *interioridade*. Vida e alma se reintegram após longo período de cisão.

Os esforços de Darwin mostrando a continuidade do homem em relação à natureza (dura crítica ao tradicional dogma criacionista judaico-cristão) permitiram a Jonas entender o próprio espírito humano como realidade inconcebível fora da corporalidade. No universo desta investigação, portanto, torna-se impossível que o homem tenha surgido *de estalo* em meio aos outros seres. Finalmente, é ao fazer sua leitura filosófico-antropológica, que nosso autor identificará, por exemplo, nas relações entre *homo faber*, *pictor* e *sapiens*⁶, muitas das provas que validarão sua assertiva. “No corpo está amarrado o nó do ser, que o dualismo rompe, mas não desata. Materialismo e Idealismo, cada um por seu lado, procuram desamará-lo, mas nele ficam presos.” (JONAS, 2004, p.34). O anti-platonismo aqui manifesto esconde o *enigma da subjetividade* com seus apelos de um direito moral inerente. Os seres como um todo, entre eles os animais, ligados como estão aos homens⁷, pelo simples fato de participarem do

6 O *homo faber* ao montar suas ferramentas é devedor ao eido animal utilitário; o *pictor* ao criar pela arte já demonstra um feito humano singular; e, por fim, o *sapiens*, ao refletir adentra os umbrais da metafísica. Tudo isso, porém, à luz da bipolar perspectiva transanimal jonasiana: *semelhança-diferença*.

7 “Para Jonas, o homem não é mais um ente desligado das demais formas de vida e do reino orgânico em geral, mas apenas uma forma mais acabada do desenvolvimento

mesmo processo evolutivo, abrem, nessa perspectiva, *ex nunc*, um espaço para as mais inovadoras reflexões ético-deontológicas com dimensões axiológicas nunca dantes especuladas.

2. MAGNITUDE DO PODER DA TÉCNICA

Todavia, não tratamos ainda da mais cruel consequência do famigerado dualismo moderno: a desconsideração quanto à magnitude do poder da técnica. Com efeito, uma vez reduzido o mundo extra-humano a um nível puramente mecanicista e destituído de valor em si mesmo, abriu-se espaço para os maiores abusos, dentro dos limites da época, em tudo o que era entendido como mera *res extensa*, engrenagem e objeto de domínio humano, único com subjetividade, diziam, e passível de respeito por sua dignidade.

O ocaso da era panvitalista em Copérnico (século XVI) fez-nos assistir, do século XVII ao XX, a técnica nutrir aspectos quase escatológicos por ameaçar a existência de espécies inteiras na biosfera, sem descartar a própria espécie humana. Apoiado e acomodado nos extremos do materialismo testemunhamos o crescimento em espiral do poder tecnocientífico sobre a natureza entendida como oposta ao mundo civilizado e desprovida tanto de *finalidade inerente* quanto de *sentido ontológico*. Afinal, o modelo baconiano imperava em toda sua força; e, a morte, agora tida como regra e natural, fazia da vida um problema. Com efeito, a vida estava confinada em nosso planeta muito aquém das quimeras aristotélico-ptolemaicas e também ela seria interpretada pela via do materialismo, onde o próprio corpo humano, por exemplo, é tratado como objeto, coisa da natureza. “Foi assim que o ‘monismo mecanicista’ tomou lugar na história da vida, sob a expulsão do antes corrente monismo vitalista.” (OLIVEIRA, 2009, p. 4).

Jonas anteviu no choque causado pelo *Projeto Manhattan* sobre Hiroshima e Nagasaki em agosto de 1945 o ponto inicial do abuso técnico-científico sobre a natureza levado agora a paroxísmos inimagináveis, em nada comparáveis aos desmandos subentendidos nos parágrafos anteriores. E pensar que os efeitos catastróficos da bomba atômica naceram da busca inicial pura e imparcial do conhecimento da fissão nuclear (JAPIASSU, 2011, p.88). Pensemos também,

vital, no qual a liberdade atinge um grau superior apenas na medida em que tenha emergido já nas suas formas mais primitivas.” (OLIVEIRA, 2010, p.2).

completando as efemérides de Prometeu⁸, em situações como aquelas ocorridas no *Golfo do México* ou na *Usina Nuclear de Fukushima*⁹, Japão, ainda no início do terceiro milênio; para não citarmos Josef Mengele e os terríveis experimentos médicos do Nazismo condenados em Nuremberg.

Contudo, voltando nosso olhar à era pré-moderna, não é verdade que em tempos idos a técnica abarcava horizontes limitados em seus efeitos imediatos? Agora, entretanto, o ecossistema trême perante as inconseqüências de um *Prometeu desacorrentado* (JONAS, 2006, p.21). Ao pisar antigas cadeias ele ameaça o meio ambiente em geral, assim como, a própria integridade da essência humana, com a magnitude de seu poder. Alguns autores chegam a pensar numa antropotécnica que avançará até um planejamento explícito de características genéticas, uma seleção pré-natal; enfim, decisões políticas quanto à espécie (SLOTTERDIJK, 2000, p.47).

A Biotecnologia, a Neurociência, a Genética, a Biomedicina ou a Nanotecnologia, por exemplo,¹⁰ estão aí como prova de que o Homem tornou-se, ele mesmo, alvo das incursões científicas, um objeto da técnica. “O *homo faber* aplica sua arte sobre si mesmo e se habilita a refabricar inventivamente o inventor e confeccionador de todo o resto” (JONAS, 2006, p.57). Quem nunca ouviu falar da cibernética, ciência que estuda as comunicações e o sistema de controle nas máquinas, como também nos organismos vivos? Que imaginar dos possíveis ciborgues, supostos seres humanos aos quais se adaptaria dispositivos mecânicos para deste modo comandar suas funções fisiológicas vitais?

Tememos aqui cometer verdadeiros anacronismos uma vez que a chamada Filosofia da mente, criada na metade do século XX, já pensa vários desses

8 Segundo a mitologia grega um Titã que, auxiliado por Minerva, roubou o fogo dos deuses e entregou aos homens. Júpiter por isso lhe teria dado como punição estar acorrentado a um rochedo onde um abutre lhe arrancava o fígado que, por sua vez, se renovava constantemente. Daí o adjetivo “prometéico” que designa a pretensão humana de ultrapassar seus limites e igualar-se aos deuses.

9 A *Usina Nuclear* é um exemplo das possibilidades pendulares do avanço tecnológico, pois, se é verdade que o mau uso das descobertas atômicas pode gerar estragos gigantescos, também é verdade que com ela geramos a chamada *energia limpa*, como forma de preservação da natureza.

10 *Biotecnologia*: Qualquer aplicação tecnológica que utilize sistemas biológicos, organismos vivos ou seus derivados para fabricar ou modificar produtos ou processos. *Neurociência*: Qualquer das ciências que estudam o funcionamento do sistema nervoso e especialmente do cérebro. *Genética*: Ramo da biologia que estuda as leis da transmissão dos caracteres hereditários e as propriedades das partículas. *Biomedicina*: Biociência que estuda as aplicações das ciências naturais, como a bioquímica e a biofísica, à medicina. *Nanotecnologia*: Estudo dos princípios de funcionamento, do projeto e da fabricação de dispositivos mecânicos, eletrônicos e ópticos com funções definidas e cuja dimensão são da ordem de um a cem nanômetros, o que equivale ao submúltiplo do metro, igual a 10^{-9} m.

termos sob novas perspectivas *parabióticas*¹¹, tal a velocidade e o avanço da pesquisa/reflexão nas interfaces entre filosofia, inteligência artificial e neurociência; para não citarmos outros campos do conhecimento. Estaríamos perante a iminência de conflitos entre homens *tradicionais* e *híbridos* lutando entre si quanto à posse da verdadeira natureza humana?

Pretende-se na atualidade - e com melhores condições que outora - a onírica *imortalidade*, ou pelo menos, um *prolongamento indefinido da vida*. Ao que tudo indica, servirão para algo as correntes de Prometeu: com elas decidiu-se aprisionar as *mensageiras de Odím*¹², e, assim, impedi-las de trazer a morte aos que lutam pelo progresso tecnológico. Para muitos, com efeito, a morte já não aparece mais como fatídica necessidade, mas, sim, qual mera “falha orgânica evitável” (JONAS, 2006, p. 58).

Pretende-se o *controle do comportamento*, e isso motivado também - mas, não somente - pelos renitentes problemas de ordem e anomia da moderna sociedade de massas, o que, *per se*, já poderia gerar, como supõem alguns, totalitarismos e coação social indevida (JONAS, 2006, p.60). O autor de “Admirável mundo novo”, o qual exerceu influência sobre Jonas, citava em prefácio de 1946 que um dos mais importantes projetos do futuro haveria de ser pesquisas patrocinadas pelo governo com o intuito de fazer com que pessoas “amem sua servidão” (HUXLEY, 1987, p.13). Para alcançar esse objetivo o escritor observa que seria necessário, entre outras coisas, “[...] um sistema infalível de eugenia, destinado a padronizar o produto humano, facilitando assim a tarefa dos administradores.” (HUXLEY, 1987, p.14).

Busca-se, com efeito, a *manipulação genética*, a eugenia¹³, como bom auspício do antigo sonho humano: moldar-se à luz de seu alvedrio; semelhante a um *deus* que toma o *barro* e “cria” a seu bel-prazer.¹⁴

A maneira mais provável pela qual a eugenia vai entrar em nossas vidas é pela porta da frente quando pais ansiosos, submergidos na publicidade, no marketing,

11 Usa-se o termo *parabiose*, união fisiológica e anatômica, natural ou artificial, de dois organismos, porque ao se falar da relação homem-máquina o caráter espontâneo da iniciativa só parte daquele.

12 Nas mitologias escandinavas e germânicas, cada uma das três divindades guerreiras enviadas por Odím, deus da guerra, mas também da sabedoria, para escolher os que deveriam morrer nas batalhas.

13 Do grego, *engenes*, ou “bem-nascido”, estuda as condições mais propícias à reprodução e melhoramento genético da espécie humana. Sua origem está na Inglaterra do final do século XIX. O biólogo Francis Galton, sobrinho de Darwin, introduziu o termo entendendo-a como estudo que poderia promover o melhoramento racial das futuras gerações. (Cf. SANCHES, 2007, p.75)

14 Cf. Gênesis 2,7

nas modas, começarem a lutar para assegurar que seus rebentos não fiquem para trás na corrida genética. (MARQUES, 2002, p.10).

A própria Teologia, num viés bioético, tem se interrogado: estariam os homens *brincando de Deus*? O maior problema, contudo - e isso de acordo com alguns, pois os campos se dividem - não seria o agente humano “brincar de Deus”, mas sim o fato preocupante de cientistas munidos de grande poder tecnológico resolver-se por olvidar sua responsabilidade ética ou mesmo “brincar sem Deus” (SANCHES, 2007, p.144). Interrogamo-nos meio acanhados (pois não é *chique* mostrar-se contra o progresso) se clamores abafados a Júpiter já não se fazem escutar das mais recônditas zonas de consciências incomodadas pela discrasia humana.

3. ÉTICA DA RESPONSABILIDADE E SEU CARÁTER PROSPECTIVO

Impactado perante essa ordem de coisas assustadora, Hans Jonas aferece como alternativa uma ética da responsabilidade pela vida; e, nela, o sentido prospectivo emerge como a dimensão mais típica de sua abordagem. Toda a ética anterior, de acordo com ele, se orientava pelo presente, como uma ética do simultâneo. “O Homem é o único ser vivente que *pode* assumir responsabilidade por aquilo que faz, e com este *pode* já é, de fato, responsável.” (JONAS, 2001, p.91). Ao perceber a urgência da nova situação tecnológica, nosso filósofo põe-se a enfrentar os desafios éticos trazidos pela hodiernidade. Seu intuito é garantir não só a existência futura, mas também a possibilidade de uma vida humana autêntica nos tempos vindouros.

Porém, é oportuno ressaltar que a proposta jonasiana apresenta-se como eco-ética, abarcadora do *bíos* em sua totalidade; para além do antropocentrismo pré-moderno. Estamos perante uma genuína ética do futuro; sentinela do “ser” em todas as suas manifestações, frágil e constantemente ameaçado por sua antítese *omni* presente o não-ser. Uma ética de alicerce bio-ontológico (por isso, sob interação psicofísica) e que, nessa mesma perspectiva – oposta ao dualismo radical - reconhece na *syndesis* entre *dever* e *ser* uma relação áxio-ontológica.

Esta realidade valida o explanado nos inícios desse artigo: que em Hans Jonas existe a ideia segundo a qual nas mais elementares e primordiais formas

de vida já estaria presente uma liberdade, ainda que precária, perceptível, por exemplo, na já citada busca metabólica dos seres por não recaírem no abismo do *nada*. Recordemo-nos, porém, que, quanto ao homem, essa liberdade exige o exercício da responsabilidade por colocá-lo em um limite imenso de desligamento em relação à matéria inerte, e, por isso, postá-lo em uma situação de maior risco. Com efeito, “[...] quanto mais desligada, mais a vida se torna suscetível aos perigos de sua própria extinção.” (OLIVEIRA, 2010, p.2).

A ética tradicional com sua visão limitada do poder científico, neutralidade da natureza e voltada como estava ao âmbito intra-humano, “[...] dizia respeito ao relacionamento direto de homem com homem, inclusive de cada homem consigo mesmo.” (JONAS, 2006, p.35); além do mais, as interferências dos povos sobre a natureza “[...] eram essencialmente superficiais e impotentes para prejudicar um equilíbrio firmemente assentado.” (JONAS, 2006, p. 32). A nova ética, por sua vez, despertada do sonho quimérico da natureza como objeto inviolável, mostra-se atenta ao sintoma de vulnerabilidade acusado por um ecossistema altamente manipulado pelo colossal avanço técnico-científico. Nesse contexto, o futuro deve ser garantido, assim como nosso presente o foi pelo passado (em outras condições tecnológicas, claro) sem possuímos, no entanto, a mínima possibilidade de retribuição, se bem que já retínhamos de um modo paradoxal certo direito ontológico virtual de existência, hoje desvelado pela investigação jonasiana.

Tais perspectivas - para nos servirmos de outros exemplos - colocam a reflexão de nosso autor numa escala que a diferencia, inclusive, das antigas formas da *ética do futuro*, desde a *Ética Religiosa* voltada para o além-túmulo; passando pela *Ética do Estadista*, também limitada em seu interesse por um presente a ser perpetuado; até a *Utopia Moderna*, que, apesar de conseguir cogitar o futuro enquanto tal - um tempo que poderá não ser usufruído por aqueles que pensam - distancia-se do pensamento jonasiano por ser esse anti-utopista e anti-escatológico. Além do mais, constata-se aqui o fato de que ninguém é julgado responsável pelos efeitos involuntários posteriores de atos bem intencionados que vieram a praticar (ambivalência do agir humano) o que é outra característica da ética prospectiva (JONAS, 2006, p.37).

Finalmente, vale ressaltar que para Jonas, no que se refere às éticas anteriores, “O que está em questão não é a validade delas no próprio domínio, mas a suficiência delas para as novas dimensões do agir humano, que lhes transcendem.” (JONAS, 2006, p. 57).

A partir de tudo isso se torna cada vez mais claro que a nova ética do futuro surge perante a constatação de que o homem caminha sob ameaça. Tornou-se

um perigo para si mesmo, como também para o meio-ambiente do qual necessita; tudo isso, dada a ambivalência da técnica. Enfim, o ser humano parece ferir o galho sobre o qual está sentado. “A técnica moderna introduziu ações de tal ordem inédita de grandeza, com tais novos objetos e conseqüências que a moldura da ética antiga não consegue mais enquadrá-las.” (JONAS, 2006, p.39). Para Jonas, entretanto, todos esses temores seriam dispersos caso a responsabilidade emergisse no mesmo ritmo em que aumentam os riscos; caso ética e técnica cresçam à semelhança dos dedos de nossas mãos e tivessem como pano de fundo um *monísmo integral*, filosófico, que não suprimisse a dualidade, mas se caracterizasse pela superação da mesma, a fim de erguer a uma unidade mais elevada do ser o que outrora estava separado do seu centro vivo de interação (JONAS, 2004, p.26). Seguir tal caminho seria a demonstração de termos aprendido com Prometeu, *amigo dos homens*, pelo menos o valor do que significa a etimologia de seu nome: *prudência*. Deste modo, alcançaríamos o hercúlio objetivo da atualidade, tornar-nos *amigos do cosmo* em sua totalidade, exercendo nosso dever de responsabilidade.

4. HEURÍSTICA DO TEMOR

Indaguemos, entretanto, o que moveria o ser humano a impor-se freios voluntários perante um futuro tão ameaçador como o pressentido a partir dessas exposições? Jonas considera que a via ideal deve ser tomar consciência dos perigos e efeitos negativos que o agir tecno-científico poderá ocasionar sobre nós e o mundo, ainda que em longo prazo. Uma *Heurística¹⁵ do Temor*, ou seja, deixar-se afetar e influenciar positivamente a partir de previsões negativas de um futuro catastrófico, apocalíptico. Imaginar o *malum*, premeditá-lo, como diria Michel Foucault (1926-1984), prefigurando-o intencionalmente, de modo a que sua influência sobre nossa sensibilidade psico-fisiológica leve-nos ao *bonum*. Com efeito, é bem provável que o temor, ao gerar nos homens certo espírito de precaução, desperte um zelo que os torne mais atentos sobre os possíveis frutos de suas más ações. Estamos, como se vê, perante uma ética

15 Heurístico (Gr. *heuristikéin* – encontrar) é o método que leva a pessoa a descobrir aquilo que se pretende que ela aprenda; por exemplo, a maiêutica socrática. Enfim, é aquilo que se refere à descoberta e serve de diretriz numa pesquisa.

otimista quanto ao sentimento humano, e clara no que se refere à sua orientação prospectiva. É, portanto, *consequencialista*.

Essa ética do futuro apresenta-se, deste modo, como uma probabilística negativa que se utiliza da futurologia preventiva como ciência de previsão hipotética e método de advertência (JONAS, 2006, p.74). Apresenta-se também como uma projeção cientificamente instruída sobre as possíveis consequências nocivas das ações presentes. E, finalmente, apresenta-se como uma pragmática, voltada para ação. Nessa perspectiva, o futuro se abre em suas possibilidades maléficas, e nós, por nosso lado, nos movemos rumo à proteção aos descendentes vítimas de possíveis catástrofes permitindo-lhes condições adequadas de sobrevivência autêntica e dignidade.

Como vemos, essa ética prospectiva não se prende a um princípio de ação moral, mas de responsabilização moral pelo que será feito, e cujas consequências não podemos prever, uma vez que os efeitos são ambivalentes; incertos tanto quanto ao bem como quanto ao mal. A própria novidade do cenário tecnológico, já o insinuamos, faz dela uma necessidade. É uma ética atual que se ocupa do futuro sem assumir como objetivo o de criar normas definitivas para os homens que virão, mas sim criar a possibilidade de que os que vierem depois de nós possam fazer suas escolhas. “[...] a possibilidade de que haja responsabilidade é a responsabilidade que precede a tudo.” (JONAS, 2006, p.174). Todavia, o método futuroológico traz a marca de uma limitação:

Ora, ao homem não se pode exigir pleno conhecimento do futuro, mas o aumento do poder técnico também trouxe o aumento das capacidades de diagnóstico e de prevenção [...] O futuro, em outras palavras, sempre guarda um resíduo não calculável e um excedente de perigosas conjecturas absolutamente desconhecidas, pois o braço do saber no geral fica sempre aquém do braço do poder. (OLIVEIRA, 2012, p.6).

“Reconhecer a ignorância torna-se, então, o outro lado da obrigação do saber, e com isso torna-se uma parte da ética que deve instruir o autocontrole” (JONAS, 2006, p.41). O temor de que o pior venha a ocorrer sem que o tenhamos previsto surge nessa atmosfera como uma fonte insubstituível de sabedoria, despertando-nos da indiferença e mostrando-nos a necessidade do cuidado perante a vida em sua integralidade. Realmente, o que está em jogo é grande, incluindo a própria biosfera para além de sua fauna e flora. Ademais, seus efeitos parecem irreversíveis.

O homem, sempre mais distante daquele estado de natureza, se assim podemos dizer,¹⁶ em que não possuía tantas “*próteses*” tecnológicas e, portanto, em maior sintonia e intimidade com a natureza, deve interrogar-se, não somente quanto aos malefícios futuros de certas tecnologias, mas também se algumas delas ainda não surgidas, devem mesmo ser patrocinadas pela humanidade. Aqui a importância de precaver-se contra o malefício do encantamento que o *efeito cumulativo da técnica* pode causar nos indivíduos e coletividades, aumentando a vaidade e a ambição por seu *feed back* positivo e contínuo *efeito retroativo*. Afinal, não há nada melhor que o sucesso, todavia, nada nos aprisiona mais do que ele (JONAS, 2006, p.43).

A nova ética da responsabilidade em sua *heurística do temor* pretende conduzir a hodiernidade na busca prudente das soluções mais adequadas que protejam o homem e o mundo de possíveis escolhas irresponsáveis. O que nos leva a inferir, a partir de tais desdobramentos, que Jonas não é contra a técnica em si mesma, mas sim a favor da sua humanização, tornando o homem, não escravo de um poder que ameaça eliminá-lo, mas cuidador de um meio que deve servir à manutenção de uma existência segura e tranquila sobre a terra, no respeito a todas as formas de vida.

Finalmente, percebamos que nosso autor não dialoga tão somente com indivíduos isolados, mas também com a sociedade em sua organização político-estrutural na tentativa de mostrar a relevância do estabelecimento de limites ético-jurídicos ao poder do homem sobre a vida. Pois, de fato, ao agigantar-se o poder entre os homens, não cresceu em conjunto a necessária responsabilidade.

Seu próprio imperativo - o único, segundo ele, ao qual cabe realmente a determinação de categórico, isto é, de incondicionalidade (JONAS, 2006, p.95) - ao romper as limitações kantianas, “volta-se muito mais à política pública do que à conduta privada” (JONAS, 2006, p.48). Vale a pena conferir aqui o modo como Hans Jonas o apresenta. Decompondo-o em quatro afirmações, assim ele o expressa em seu livro “Princípio Responsabilidade”: 1) Aja de modo que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a terra; 2) Aja de modo a que os efeitos da tua ação não sejam destrutivos para a possibilidade futura de tal vida; 3) Não ponha em perigo as

16 A expressão de Rousseau (1712-1778) pelo menos nos remete à ideia de um homem distante das dependências artificiais criadas através da tecnologia. Não é preciso concordar com todo o universo semântico de suas expressões. Tanto mais hoje quando surgem pensadores mostrando o quanto o ser humano estaria naturalmente disposto a essas próteses que só expandiriam as suas capacidades ao invés de atrapalhá-las.

condições necessárias para a conservação indefinida da humanidade sobre a terra; e, 4) Inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetos do teu querer (JONAS, 2006, p.47-48).

Na perspectiva jonasiana ninguém, nem mesmo os estados mais poderosos, possuem o direito de colocar em risco a totalidade dos interesses humanos ou a sobrevivência e integridade da espécie como um todo. Daí sua afirmação de que a moralidade deve invadir todas as esferas, inclusive as do produzir “e deve fazê-lo na forma de política pública.” (JONAS, 2006, p.44).

Jonas identifica essa prática irresponsável de ameaça como um tipo de *hipoteca do futuro*. “Hipotecamos a vida futura em troca de vantagens e necessidades de curto prazo, na maioria das vezes criadas por nós mesmos.” (JONAS, 1997, p.35). Reconheçamos: espírito prometício dos *tecnocratas*, surdos aos novos imperativos da ética, acusa a urgência de ações eficazes em defesa do mundo extra-humano antes que seja tarde demais. Afinal, “[...] um apelo mudo pela preservação de sua integridade parece escapar da plenitude ameaçada do mundo vital.” (JONAS, 2006, p.42).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Houve autores que abordaram os mesmos temas que interessaram nosso pensador, como a ética, a técnica, a natureza e a responsabilidade; e isso já antes das obras de 1966 e 1979, por exemplo. No entanto, cremos ser perceptível nas características da *nova ética* por nós apresentada, que a *responsabilidade* tomada como princípio ontológico e ligada, inclusive, à liberdade (enquanto realidade detectada em toda forma de vida desde sua irrupção no espaço ilimitado das possibilidades), é uma originalidade jonasiana carregada da mais densa substancialidade filosófica. Isso nos leva a ter uma visão renovada sobre usos e objetivos da *técnica*, a partir, óbvio, duma relação integrada com o todo da natureza. O fato é que, as vinculações homem-natureza-civilização tomaram contornos inéditos desde o momento em que Jonas passou a compreender as problemáticas reinantes entre os binômios *orgânico/inorgânico*, *necessidade/liberdade* e *corpo/mente* dentro das novas propostas de sua metafísica da natureza.

Foi auscultando a exigência ontológica presente em todo ser, mesmo aquele que existe enquanto mera prefigura espiritual, que Jonas, à sombra de Heidegger (mas ao mesmo tempo transcendendo-o) tornou-se *pastor do ser* em todas as suas manifestações, desde a mais primitiva forma orgânica até a mais

alta na escala evolutiva do *vir-a-ser*. Ele reconheceu o valor intrínseco daquilo que já “é”, ainda enquanto *material*; uma vez que, mesmo o material, como o espiritual, são possibilidades de pensar a vida, cada um a seu modo. Sim, Jonas nos permite “pensar a vida como matéria e como espírito ao mesmo tempo” (OLIVEIRA, 2009, p.13). Ele reconheceu esse valor intrínseco, ao invés de perder-se em *u-topias* que, por afanar um ideal escatológico, matou milhões de seres humanos, entre outras formas de vida - fauna e flora. Marxistas, Taoístas, Nazistas, para não alongarmos por demais essa lista, estavam surdos ao apelo imperativo dos seres pelos quais deveriam ser responsáveis com a mesma gratuidade que um pai manifesta para com seu filho recém-nascido (arquetipo atemporal de toda responsabilidade).

O homem, tendo alcançado, como hoje se vê, poder tão grande através da técnica, deve, realmente, impor-se limites. É essa uma ideia que se impõe depois de qualquer contato, mesmo que insipiente, com a filosofia de Hans Jonas. Somente nesse novo *éthos* ciência e tecnologia serão usadas como se, a exemplo do sábado, tivessem sido feitas para o homem e não o homem para elas (HUXLEY, 1987, p.9). Esta é a proposta de Hans Jonas: *um poder sobre o poder* (JONAS, 2006, p.237); uma macro-bio-ética que oriente e impeça a soberba e a vaidade humanas no trajeto que têm seguido de imprudência ante o mundo e seu futuro indeterminado. E isso, sob pena de continuar ferindo o que já não pode mais curar.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Quatro ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia grega, histórias de deuses e heróis**. Tradução: David Jardim – Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CANDIOTTO, Cesar. **Ética, abordagens e perspectivas**. 2ª edição revista e ampliada. Coleção Didática um. Curitiba: Champagnat, 2011.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Tradução de Emmanuel C. Leão, Gilvan Fogel, Maria S. C. Schuback – Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Trad. Vidal de Oliveira e Lino Valando. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

JAPIASSU, Hilton. **Ciências, questões impertinentes**. Aparecida, SP: Ideias & letras, 2011. (Coleção Filosofia e história da ciência)

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. 3ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

JONAS, H. **O princípio responsabilidade**. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Trad. de Marijane Lisboa e Luiz Barros Montes. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.

_____. **O princípio vida: fundamentos para uma biologia filosófica**. Trad. Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Técnica, medicina y ética. La práctica Del principio de responsabilidad**. Trad. Carlos Fortea Gil. Barcelona: Paidós, 1997.

MANCINI, R. **Éticas da Mundialidade, o nascimento de uma consciência planetária**. Tradução: Maria Cecília Barbuti Attié. São Paulo: Paulinas, 2000. – (Col. Ética e Sociedade).

MARQUES, José Oscar de Almeida. **Sobre as Regras para o parque humano de Peter Sloterdijk**. Natureza Humana. Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas. São Paulo (PUC), Vol. IV n. 2, 2002, ISSN 1517-2430, p. 363-381.

OLIVEIRA, J. R. **Por que uma ética do futuro precisa de uma fundamentação ontológica segundo Hans Jonas.** Revista de Filosofia: Aurora (PUCPR. Impresso), v. 24, p. 387-416, 2012.

_____. **A transanimalidade do homem: uma premissa do princípio responsabilidade.** Dissertatio (Ufpel), v. 32, p. 77-97, 2010.

_____. **Do panvitalismo ao evolucionismo: Hans Jonas e os aspectos filosóficos da interpretação da vida.** Integração (USJT), v. 58, p. 253-261, 2009.

_____. **A interpretação analógica das relações entre niilismo gnóstico e niilismo existencialista segundo Hans Jonas.** Síntese (Belo Horizonte. 1974), 2013.

SANCHES, Mario Antônio. **Brincando de Deus, Bioética e as marcas sociais da genética.** São Paulo: Ave Maria, 2007.

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para um parque humano – uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo.** Trad. José Oscar A. Marques – São Paulo: Estação Liberdade, 2000. 63 p